

Mesmo sentado num daqueles bancos altos de lanchonete, com a barriga colada no balcão, o marido, de quase dois metros, tem as pernas semidobradas e os pés bem plantados no chão. Além do tamanho acima da média, após seis anos de casado, está mais corpulento do que sempre foi. Tem braços mais pesados, um pescoço mais grosso e seu olhar ganhou maior lentidão.

Enquanto mastiga, suas têmporas afundam, estufam, e nós saltam nos encaixes do maxilar. Está na segunda lata de refrigerante, com o fôlego natural em dois canudos. Antes de cada mordida no x-tudo que pediu, ele enfia a bisnaga vermelha por entre as camadas de pão-alface-tomate-maionese-ovo-bacon-bife-tomate-alface-pão, e aperta-a com vontade, sem tocar na outra bisnaga, amarela, a sua frente no balcão. Ao cravar os dentes no pão, faz o molho brotar do recheio, devolvido, amolecendo o guardanapo de papel e caindo no prato em gotas consistentes.

A esposa, embora ainda jovem, possui a beleza diferente da mulher que amadurece muito cedo. Com a bolsa junto ao corpo, o tórax espigado, firme sob o tecido da blusa, ela espera a família terminar o café da manhã. Jamais comeria ali. Pediu apenas um café bem preto, que adoçou artificialmente, numa dose arbitrária e preestabelecida. Só que nem o café está bebendo. Viu xícaras, pires e colherinhas sendo escaldados na água, brotando do vapor diante

de seus olhos, mas para ela nada torna as condições sanitárias do lugar menos suspeitas. Faz então a pequena xícara branca evoluir em seus dedos compridos, só para ocupar as mãos.

A filha, uma garotinha de cinco anos, belisca sem vontade o pão de queijo que lhe compraram, e já recusou um chocolate quente — amargo ela não gosta, e amargo é qualquer chocolate diferente do que ela tem todo dia, sem o “gosto de festa” ou o “sabor que alimenta” aos quais a propaganda convenceu-a de que está acostumada. A menina sente sono; as pálpebras pesam, olheiras tingem a pele mais branca nas primeiras horas do dia, o cabelo fino e amarelo cai no seu rosto, grudando na boca.

São uma jovem família de três, agasalhados diante do balcão da lanchonete. Para quem os vê, todos de costas, um ao lado do outro e postos à prova pela altura dos bancos, compõem uma escadinha íngreme, que termina com a criança.

As malas fazem hora no chão. A luz da manhã ainda é vaga, e quase tudo está imóvel nos espaços gerais da rodoviária. Nas plataformas de embarque, do outro lado das grades, poucos passageiros vão e vêm num trânsito de sonho; os funcionários das empresas de ônibus e os carregadores de bagagem trabalham em silêncio.

O caminhão com tudo o que a família tem saiu na véspera. Só os armários da cozinha ficaram — pertenciam ao dono do apartamento —, mas sem nenhum prato, garfo, copo ou faca nas gavetas. O carro foi vendido. Agora eles partem atrás da mudança, que já havia chegado à cidade para onde vão, a mesma de onde tinham vindo anos antes. Dormiram a última noite bebendo água mineral na garrafa de plástico, em colchonetes descartáveis e quartos vazios.

O despertador tocou ainda no escuro. A mulher, enérgica, expulsou-os do apartamento muito antes do necessário, dizendo que não aguentaria nem mais um minuto aquele “cativeiro de sequestro”. Ao baterem a porta pela última vez, as marcas da rotina doméstica nas paredes, no carpete da sala, normalmente escondidas pelos quadros e pelos móveis, apareceram numa incômoda perplexidade.

O marido continua mastigando devagar e com força. A imagem de suas mãos na grossa pilha mordida e sanguinolenta tem mesmo algo de chocante; o jeito como agarram a massa de ingredientes primeiro, só depois empurrando-a para a boca aberta. Então o molho escorre por chumaços de pão e bife, fazendo as pontas gordurosas de seus dedos perceberem o fim dos guardanapos. “Amigo!”, ele chama alto, quase grita, apontando o porta-guardanapos vazio. A mulher afeta um pequeno susto e o encara, torcendo a boca, num gesto que ele não entende. O balconista, um rapaz magricelo, executa eficientemente o seu papel: o novo porta-guardanapos chega abarrotado.

“Obri...”, o marido começa a dizer, mas se corta no meio, fecha a boca e termina de mastigar. Entendeu agora a reação da mulher.

Por um instante, a culpa o distrai e o molho pinga na sua camisa. O marido olha, a mulher também. O pano xadrez, fora da calça jeans, acusa a gota vermelha, a consistência enjoativa. Ele bota o resto do sanduíche no prato, com a delicadeza rude que a esposa conhece tão bem. Meio sem jeito, puxa um guardanapo e lentamente o esfrega na roupa. A mancha se alastra, embora a força do vermelho diminua. A mulher olha para outro lado; não há mais o que fazer. Ele também deixa pra lá.

---

“São seus muitos pecados...” — o marido lembra, meio sério e com o pensamento quebrado, do jeito que fala — “... perdoados, porque muito amou.”

Não tem mais fome. Olha as horas: 7:25. A grossa pulseira metálica e o mostrador do relógio ficam menores no seu braço largo. O gás do refrigerante sobe, chamando atenção, ainda que ele tape a boca na hora. A mulher se incomoda outra vez. O corpo do marido está em todo lugar.

Por sorte, a filha os distrai; ela para de roer o pão de queijo e empurra o prato. Quando ameaça fazer o balcão de traveseiro, a mãe intervém: “É sujo, filha.” A menina tenta apoiar o rosto em seu ombro, porém a mãe, justo ao terminar a frase, decide que não aguenta mais ficar parada, esperando pelo pior.

“Já volto”, ela anuncia, enquanto empurra a filha com gentileza, novamente sentando-a no banco da lanchonete. Então olha para o marido, que devolve o olhar. De bolsa no ombro, a mulher sai sem maiores explicações.

A menina passa para o banco do meio e, literalmente caindo de sono, encosta a cabeça no ombro do pai. Mas não fica bom ainda, passa inteira para o colo dele, que a recebe. O tamanho de seu tronco e de seus braços torna a filha de novo invisível dentro de um corpo.

“Fecha os olhinhos.”

“A mamãe não vai achar ruim?”

“Dá tempo.”

A menina se convence, mas, antes, desce do colo do pai e vai atrás da boneca guardada na mala. Ele saboreia sua compenetração ingênua, ao vê-la executando uma sequência de gestos em miniatura, com o arzinho grave das bochechas e dos olhos, do

sapato de verniz, do vestido e do casaco de tricô, e o jeito gracioso dos dedos roliços no zíper da mochila, da boca se torcendo na hora de puxá-lo, da ponta da língua aparecendo, dos cabelos finos e amarelos novamente caindo no seu rosto. Já de boneca em punho, ela volta para o colo do pai e fecha os olhos. Agora sim vai dormir.

Ele, abraçando o peso querido e morno, ergue o olhar atraído por alguma coisa que não sabe o que é. Encontra a televisão no alto da parede, o canto escuro iluminado por um tubo de imagem, mostrando cenas de uma guerra muito distante.

Além de sanduíches abrutalhados e refrigerantes, pães de queijo e chocolates quentes, bancos para sentar e esperar, bisnagas vermelhas e amarelas, porta-guardanapos, cafés, xícaras, águas e vapores escaldantes, o outro serviço da lanchonete está nos resumos de jatos invisíveis, porta-aviões e radares, de mísseis inteligentes, bombas, satélites e armamentos; está na tecnologia das baixas, na projeção de mapas nítidos demais num globo totalmente ilustrativo, nas declarações políticas, citações de analistas, falas de diplomatas, fontes não-identificadas, contraditórias, evidentemente manipuladoras; e tudo isso ancorado numa voz sem dono, ou de um dono sem caráter, que ao mesmo tempo condena e explora o belicismo das notícias.

Surgem flagrantes de um país arrasado; colinas e escombros imóveis, imersos na poeira, em tons de cinza e marrom. Apenas rostos cheios de terra, turbantes e corpos manchados de sangue vibram ao redor de caminhões da ONU, da Cruz Vermelha e de veículos da imprensa internacional; dentro dos quais, além de soldados e médicos, a doença e a cura de mãos dadas, jornalistas têm a chance única de

futuras grandes carreiras, e por esta chance arriscam suas vidas e se esmeram no registro dos genocídios. Alguns deles, no correr do conflito, terminarão emboscados pelas guerrilhas; então suas execuções sumárias num ponto do planeta, o sofrimento de suas famílias em outro, serão filmados pelos colegas, transmitidos mundo afora, e todos diante da TV irão se comover.

Acabada essa matéria — “Chega de guerra...”, o homem implora mentalmente —, vem outra, sobre as atividades do Congresso na última semana. Impasses parlamentares provocaram o atraso das votações e as medidas provisórias trancam a pauta nacional. O presidente reeleito tem declarações a fazer, e as faz. Aí vêm cientistas de todos os cantos da Terra, confirmando para daqui a pouco o apocalipse movido a gás carbônico. Estranhamente, não fazem o *mea culpa*; afinal, inventaram o modelo civilizatório que agora responsabilizam pelo fim do mundo. A seguir o telejornal mostra o pai e a mãe favelados — ele alcoólatra, ela faxineira, ambos evangélicos — que acabaram de reconhecer o cadáver do filho traficante, executado por policiais. Esta tragédia emenda com o resultado do futebol, após o qual o marido vê a mulher chegando de volta.

Enquanto ela se aproxima, vem falando no celular. Está perfeitamente acostumada ao mundo privatizado das telecomunicações. “Gosta de um telefone”, ele pensa, regozijando-se com a sensação de conhecer os menores hábitos da esposa. Ainda a meia distância, antes que possa ouvir o teor da conversa, a ligação é encerrada. A mulher vem do banheiro, que insiste em chamar de toalete, e para onde só admite ter ido porque o marido faz questão de ser explícito.

---

Em silêncio, ainda de pé, ela deixa o olhar vagando pela rodoviária e tamborila os dedos no balcão. O marido confunde sua agitação com ansiedade pela hora do embarque. Como ainda falta muito, pede-lhe que tenha calma. A mulher não responde, apenas interrompe o gesto aflito. Em seguida, enche os pulmões de ar, para depois soltá-lo lentamente, procurando diminuir a rotação de seu nervosismo.

Ela avista, numa cadeira distante da lancheonete, defronte a uma das plataformas de embarque, outra mulher e seu bebê no colo. Os dois são mulatos escuros, e a humildade de suas roupas e de seus pertences, amontoados no chão da rodoviária, evidenciam a distância social que a separa deles. Ela vê quando a mãe abre a blusa, começando a amamentar o bebê. Eles se amam com tanta placidez, enquanto balançam seus corpos, que deixam aquela mãe mais branca e mais rica sentindo uma ponta de inveja, uma ponta de culpa, lembrando como foram os primeiros meses após o nascimento de sua filha.

Quando focaliza novamente a cena, o bebê já mama de olhos fechados, satisfeito. Só não larga o peito da mãe pelo prazer de tocá-la e de ir caindo no sono devagarinho, até apagar. Seu movimento em direção ao peito que o alimenta já não é uma esperança oca, uma alucinação de puro medo e vontade, como seria a de um recém-nascido. O bebê já reconhece o toque pacificador, está seguro da presença de sua fonte vital. Cada contato daquelas mãozinhas com o peito cheio, ou entre a boca e o mamilo, a língua e o leite, é garantia de vida fornecida pela repetição cotidiana. Ao tocar a mãe, ele encontra bem mais do que um simples fato sensorial, encontra a memória da segurança. Ainda muito pequeno, o bebê só

não pode imaginar que tal fonte de vida não faça parte do seu próprio corpo. Como todos os bebês, deseja aperfeiçoar a espécie humana, fundindo-se ao corpo do qual nasceu, e, com isso, adquirir o dom da autoalimentação.

A mulher, enquanto observa a cena, lamenta que a ruptura ocorrida entre ela e a filha após o parto não tenha sido revertida, ou até anulada, pelo contato direto dos corpos. Aquele bebê e aquela mãe, tão humildes em tudo o mais, reconstituíram o espaço ideal, onde dois são apenas um — o seio discretamente posto para fora, por entre os botões da camisa, a boca aberta, sugando o bico pequeno, cor de caramelo escuro, as mãos minúsculas sobre a carne macia, as peles aquecendo-se mutuamente, a voz materna, a única que o filho reconhece, sussurrando coisas doces, a vida líquida nascendo dentro dela e indo para a pequena boca faminta, descendo pela garganta e pesando satisfeita na barriga, o sopro morno nos fios ainda ralos de cabelo do bebê, num carinho íntimo, a mão alisando delicadamente sua testa, com um paninho de renda na ponta dos dedos, e assim transportando-o a um êxtase particular.

O mesmo movimento contínuo de aproximação e afastamento entre seio e boca, calor e frio, proteção e desamparo, e o tato, o sentido mais concreto, mais que a visão, o olfato e a audição, deveriam ter produzido, entre os corpos da mulher que observa e sua filha, uma separação pacífica e gradativa, permitindo que a menina se entendesse como um ser à parte sem maiores traumas. Cada desenvolvimento deveria ter significado uma aquisição, e não uma imposição das circunstâncias. Seu pequeno corpo deveria ter se constituído aos poucos, e não do jeito que foi, abrupto, violento para ambas.

A mulher, subitamente, do seu lugar junto ao balcão da lanchonete, revolta-se contra aquela cena. Não precisa se martirizar com mais aquilo. Já está ali contra a vontade, com uma ameaça sobre sua cabeça que, além da viagem feita a contragosto, deixa-a naquele estado de tensão permanente. Ela respira fundo outra vez, procurando se concentrar nos problemas de hoje, esquecendo os de ontem.

Pendurado no alto da rodoviária, sobre ela, a filha e o marido, um relógio de quatro faces marca 7:45.